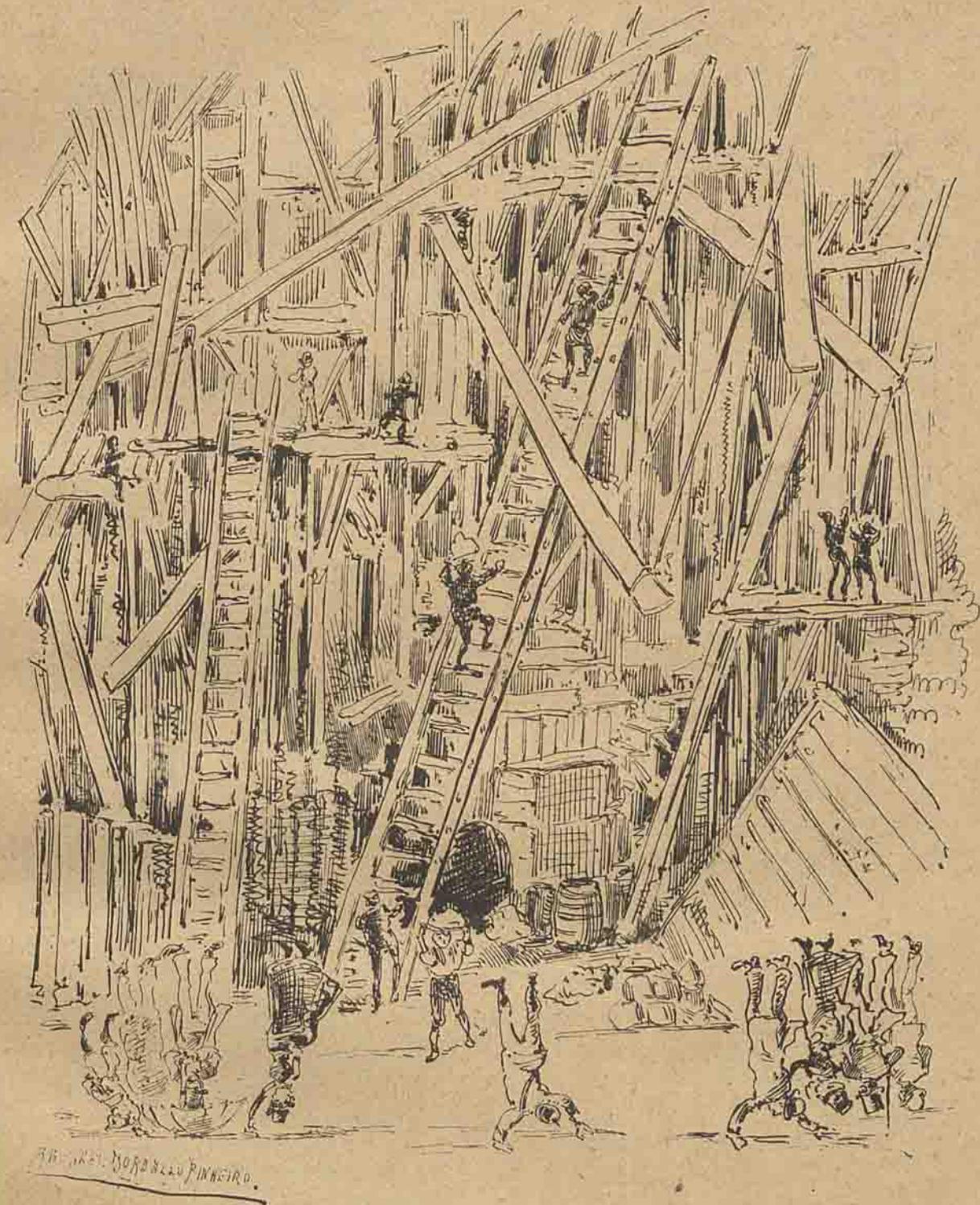


EM VESPERAS DE FESTA



Aspecto da cidade em geral e da casa de cada um em particular, nos preparativos para a festa do casamento.

Croquis d'après nature.

Toma aspecto a cidade de nova.
E' cair, é pintar, é limpar.
Toda a gente se lava e se escova
— Anda tudo de pernas p'ra o ar!

CHRONICA

N'esta semana, como em todas as que se lhe seguirão até o desenlace da terrivel catastrophe, nós abriremos um parenthesis ás nossas chronicas, que não teem razão de existir desde o momento em que a cidade deixou de ser a capital do reino para se transformar n'um hospital de doidos.

O chronista semanal cede a penna ao medico alienista e o que até aqui se chamava CHRONICA passará a denominar-se

BOLETIM MEDICO.

Tem a palavra o dr. Craveiro Lopes:

«A doente continua muito desasocegada; a excitação cresce de momento para momento e, o que hontem era apenas uma pontinha de febre de luminarias inoffensivas, transformou-se hoje n'um verdadeiro delirio de lamparinas de mau caracter!

E' infructifero todo o regimen applicado, desde os banhos de chuva do dr. Magalhães Lima até ao collete de forças do especialista Cecilio!

A doença a nada abranda, parecendo até recrudescer e aggravar-se na rasão directa dos medicamentos empregados.

N'este caso, como em todos os que assumem tamanha gravidade, poucas esperanças restam de cura á pobre doida — e o melhor é não a contrariar...



DAS CALDAS

ABERTURA SOLEMNE DOS BANHOS E HOSPITAL DAS CALDAS DA RAINHA — NO ANNO DA GRAÇA DE 1886 — ERA CHRISTÃ

Esta solemnidade foi como que um ensaio, para as que se lhe devem seguir em Lisboa.

E' curioso como os povos rheumaticos pedem que se lhes abram as portas do Hospital. Para esse fim nomeiam commissões e medicos que levem suas vozes á



orelha de Pim, afim de que ELLE traga a chave que abre as portas d'este magnifico estabelecimento.

Vão todos solemnemente, de casaca e gravata branca, bater á porta do conselheiro — que os espera fingido que nada sabe.

Truz! truz!

— Brites! vae ver quem é...

A creada volta.

— Sr. conselheiro, são os povos.



— Pois dize aos povos que subam...

Entra a commissão que lhe pede se digne abrir a porta do hospital. E elle diz:

— Vá lá por esta vez...

Sahe solemne, mettido na casaca, atravessa as ruas a passo grave, ao som do hymno de S. M.



(E' forçoso confessar que Pim ao som do hymno tem graça e não offende.)

Sente-se grande, sente-se rei, e c.

Previamente tem ido á igreja, onde o parcho lhe deita agua benta e faz umas rezas para o pôr a coberto



de maus olhados e quebrantos.

Abre-se a porta—não sei se com chave de ouro, porque não vi—começando a visita solemne por todas as enfermarias e banhos.

Ha lindos ornatos de flores sobresaahindo os do sr. Costa da botica, graciõsa allusão ao consorcio real, no



sitio d'aquella bomba cujo motor é, alternadamente, um cego ou um coxo. Todas as enfermarias tem a cadeira magna de Pimentel enfeitada de flores—quando aliás em enfermarias nos parecia mais proprio que a dita cadeira fosse enfeitada de seringas vesicatorios e papas de linhaça... Se bem que as flores, formando quadros e letras, representam talvez um emblema da paciencia com que serão tratados os enfermos...

Em uma das cadeiras está collocada uma figura de mulher feita de flôres que a principio nos pareceu feita de chita; mais de perto vimos que tinha um espelho de amores perfectos, reproduzindo esta *imagem*.



Voltando-nos demos de cara com Pim; a figura representava a *Verdade*.

Depois d'esta solemne passeiata a passo grave, atravessa o rei, digo o Pim, no meio dos cumprimentos de seus vassallos submissos para o *club*, que tambem abre com a quadrilha d'honra, quadrilha da cõrte, dansada briosamente por Pim, digno emulo de Justino, de casaca e tudo mais.

—Está aberto o chá e fatias! siga a concorrência!
N'esta brilhante festa só esta nota discordante.



Depois d'uma festa assim, comprehendesse porque esta terra não pôde passar sem Pim.

Ahi fica esta descripção fiel, como lição e ensinamento a todos os administradores de aguas thermaes. Para que ellas façam bem á saude precisam d'isto: hymno e passo grave.

Só faltaram os foguetes, mas isso não é para rheumaticos que não podem correr atraz d'elles.

Pim é sabio!...



A MESMA COISA EM VERSO

Eu, Pim, El-rei e Senhor
d'estas Caldas e' do resto,
—um asno armado em doutor,
doutor armado em *Cabresto!*

Eu que quero posso e mando
como o meu D. Miguel q'rido:
eu que, só, tenho o commando
d'este meu reino fingido;

vou ser bom Rei p'r'o meu povo:
ordenando a quem emporte
—que venham de chapéu novo
os cortezãos d'esta cõrte:

—De luva branca e casaca,
doutores e medicina:
—Que deixe a manga d'alpaca
o meu s'crivão papafina:

—Que se formem, dois a dois,
no vestibl'o do meu paço,
como umas juntas de bois...
—e reparem no que eu faço!—

—Que marchem ao som do hymno
sempre em grave compostura,
passo grave e pequenino
andem logo em direitura

ao meu Real Hospital
—Cuidadinho em não olharem
para os lados, ou fallarem
Cada um com cada qual!—

ENTRE A BIGORNA E O MARTELLO



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

D'um lado dinheiro e mais dinheiro para as festas do menino que casa; d'outro, bago e mais bago para o pagamento da renda da casa... O melhor é prescindir das proprias casas da camisa, cortal-a ao meio, e mandar o peitlho para o noivo e a fralda para o senhorio...

Que, se o Bordallo Pinheiro,
esse seringa infernal,
apar'cer, por nosso mal,
—mostrem rosto sobranceiro!—

Que esposas e raparigas,
assim que o Bordallo virem,
passem todas sem se rirem,
e façam logo tres figas:

—Que na regia contradança,
com que o meu *Club* abrirei
de manhã não vá lambança,
pois só à noite eu darei,

Quem fizer como ordenci,
—de manhã terá raminho,
e gracinha, e um ditinho
do seu Pim, e do seu rei:
e lá no meu *Club*, à noite
no das dez horas meu chá
talvez... talvez abiscoite
—meia cavaca!—vá lá.

Eu, o Pim, El-Rei pepino,
assim mando: Toque o hymno.

NULLIUS.



THEATRO DO GYMNASIO

QUINTA FEIRA 20 DE MAIO, FESTA ARTISTICA
DE GUILHERME DA SILVEIRA

—Safa! compadre Athanasio!
Que bulicio
Que vae por Lisboa inteira!
—E' que á noite, no Gymnasio
Beneficio
Do Guilherme da Silveira

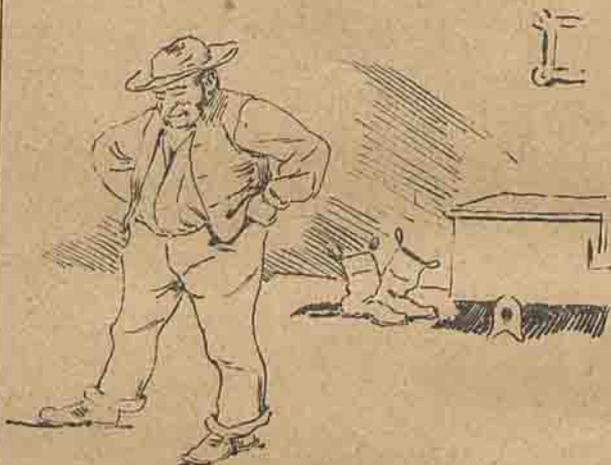
—Tanta gente assim á farta,
E' mister p'ra que se acoite,
Apertal-a como um paio!
—Embora! Que um rai' me parta.
Se eu não cair esta noite
No Gymnasio como um raio!



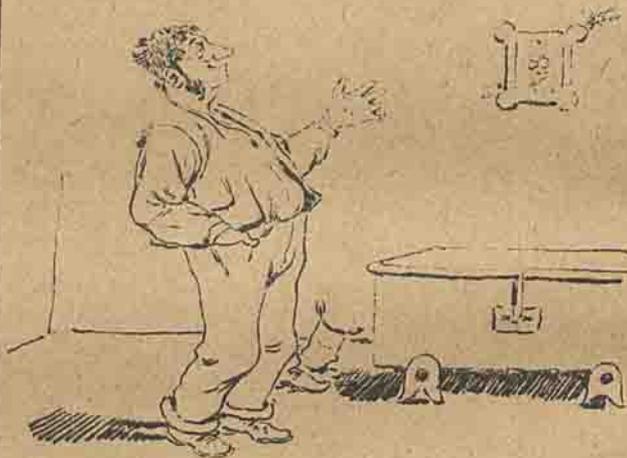
CASOS, TYPOS E COSTUMES

UM PASSEIO À CAPITAL

Na provincia nascido e creado,
Braz Lourenço, que é dado a estroinice,
Tinha ha muito o projecto fígado
De vir ver a cidade de Ullysses.



Co'as festanças do breve casorio,
Braz Lourenço comsigo pensou:
—Hade haver luminarias, vivorio...
Devo ir?... Talvez vá... E é que vou!...



Dito e feito! correndo ás frescatas,
P'ra mudar de farpella eil-o nú;
E a familia, de coc'ras, de gatas,
Põe-se toda arranjando o bahu.



—Tudo prompto! diz D. Cecilia,
Agcitando-lhe o laço asuloio.
Falta só abraçar a familia,
Que não tarda em passar o comboio.

—Adeus, qu'rida mulher das entranhas!
Quando em breve tu já não me bispes
Vou ter tantas saudades, tamanhas,
Como os calos que tenho nos chispes!

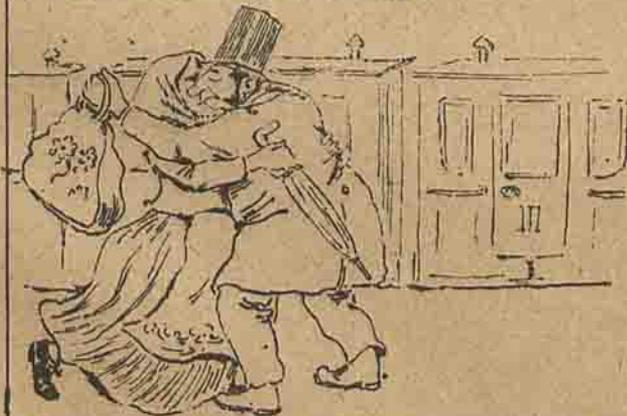


Adeus, velho solar de meus paes!
Adeus fontes, arroios, riachos!
Adeus pombos, gallinhas, pardaes!
Adeus burros, cavallos e machos!



«Adeus, serra, calada gigante,
Erma filha do meu Portugal!...»
Adeus paio!—o melhor puxavante
P'ra arranjar a *bisgornia imperial*.

—Adeus, Braz! volve em grande berreiro
A mulher, abraçando-o por fim;
Não te faças lá fora gaiteiro,
«Não te esqueças meu anjo de mim!»

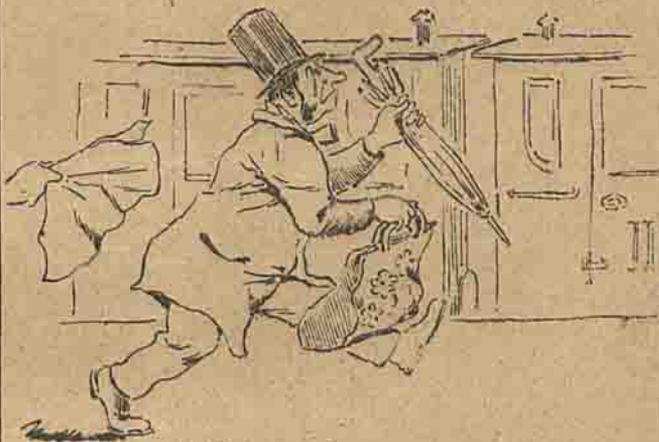


E depois, co'um sorriso ladino:
—Um roteiro, ao chegar, vê se mercas...
A cidade é tão grande, menino...
Teuho medo, meu Braz, que te percas...

—Ai! descança... A cidade me tenta,
Tenho o corpo em crueis comichões...
Mas a gente, em passando os sessenta,
Não se perde ás primeiras rasões...



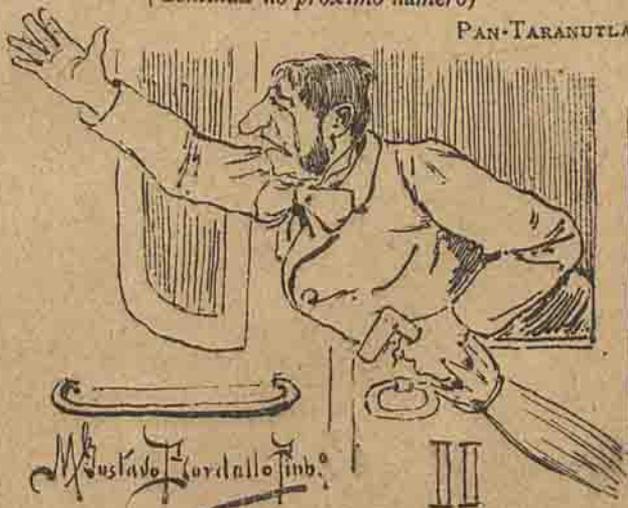
N'isto chega o comboio.—Adeus pois!
Que a jornada, aliás, se malogra...
Tratem bem as vaquinhas e os bois...
—Se houver tempo, tambem minha sogra...



—A' cidade onde ha tantos engodos
Deus te leve e te traga inteirinho...
—Adeus, Braz!—Adeus, Cilia!—Adeus, todos!
—Adeusinho!—Adeusinho!—Adeusinho!...

(Continúa no proximo numero)

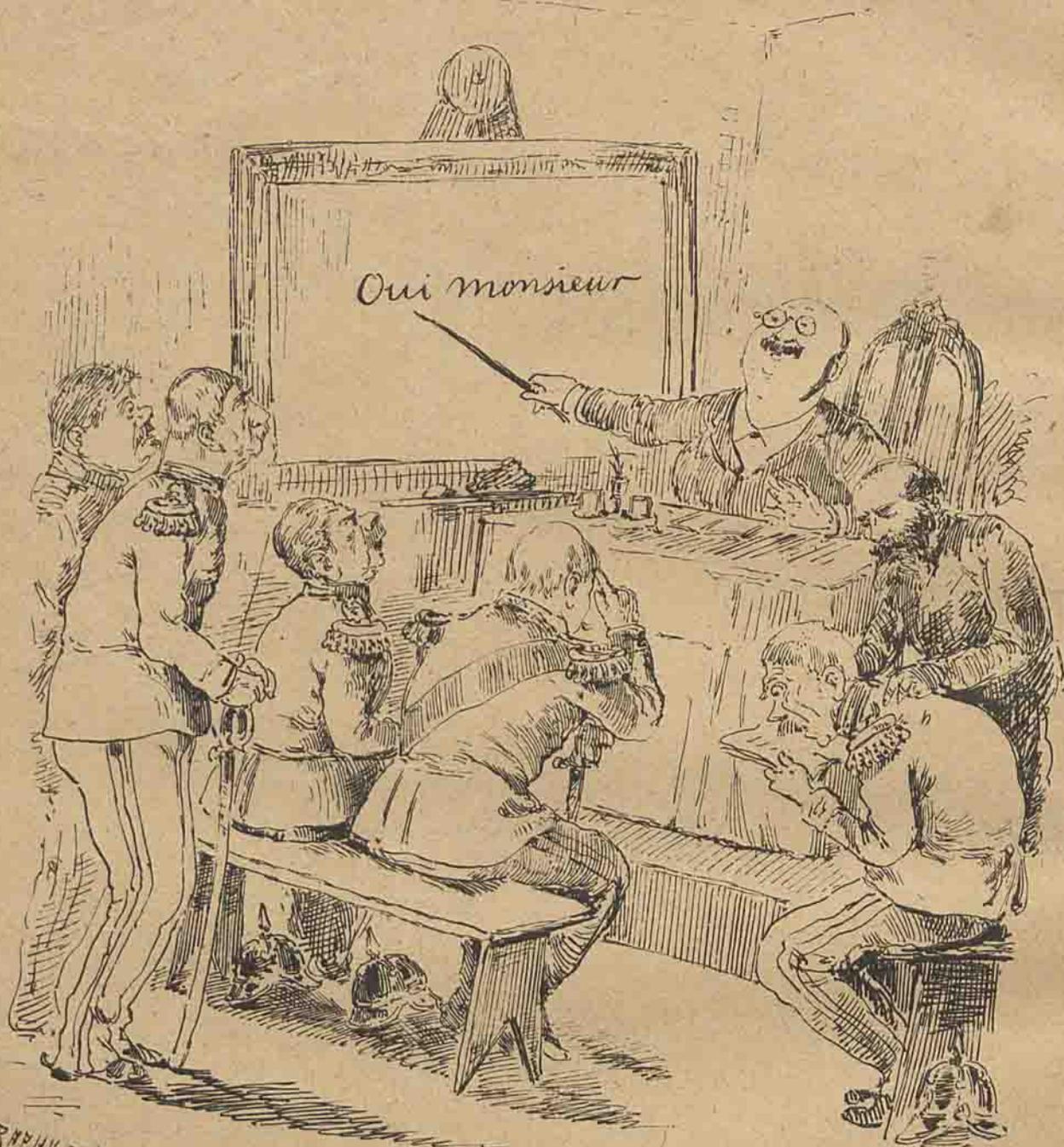
PAN-TARANUTLA.



Mustavo Foritallo Imp.^o

III

EXERCÍCIOS PARA O GENERALATO



RAFAEL BORHALLA PINHEIRO

Em vista da affluencia de estrangeiros a esta côrte, o que obrigará os generaes a terem de fallar francez uma vez por outra, o ministerio da guerra acaba de abrir uma escola pratica d'aquelle idioma, onde se dará um compendio por perguntas e respostas.

Exemplo:

P.—Se perguntarem,
Como estas tu,
O que respondes?
R.—Oui, monsiú!

P.—Do capacete
São de perú
As fartas pennas?
R.—Oui, monsiú!

P.—Tosse o Bailio,
Fazendo hu! hu
O que responde?
R.—Oui, monsiú!